



ACAMPAR

BOLETIM INFORMATIVO DO CLUBE CAMPISMO DO PORTO | SÉRIE VI | ANO IV | Nº 5

OUTUBRO / DEZEMBRO 2025 – PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL



Editorial

Num tempo, dominado pela incerteza, em que os medos são fomentados e o domínio do algoritmo nos suscita dúvidas, é a rapidez e a forma fugaz como a informação circula, que torna mais valiosa a comunicação impressa. O Acampar é o repositório das memórias que irão prevalecer para além das nossas existências. Como os álbuns de fotografias...

Aqui se registam os momentos, os bons e os maus. Se este ano, a tempestade Cláudia, provocou, infelizmente, estragos elevados em parques de campismo de Clubes nossos congéneres, não devemos esquecer que em 19 janeiro de 2013, um outro temporal (na altura sem nome), destruiu uma parte substancial das instalações do nosso Parque de Esmoriz, com a agravante de termos sido obrigados a cortar posteriormente todos os pinheiros (como medida preventiva). E relembrando uma recente reportagem televisiva no Canal Now, sobre as condições dos parques de campismo da Costa de Caparica, igualmente, já nos idos anos noventa (1995) tínhamos sido “quase obrigados” (com a GNR à porta) a encerrar o parque, por causa das coberturas e dos (muito limitados) afastamentos entre instalações. Nessa altura, os outros Clubes tremeram. Iria tocar a todos??? Mas não...

O Clube de Campismo do Porto, serviu tão só como um exemplo e “alerta geral”.

Em boa hora, tal aconteceu, pois temos hoje um Parque devidamente dimensionado e organizado, que deveria servir de modelo, para infraestruturas semelhantes.

Estes dois exemplos, como imensos outros momentos da história do nosso Clube, ficaram documentados nas páginas do Acampar. Até hoje...

Haja quem com isso concorde e acredite ser importante.

Aos nossos leitores, votos de Festas Felizes, com um ano de 2026 auspicioso e pleno de saúde.

Jorge Agostinho

2

Sumário

Direcção.....	3
Gala 80 anos FCMP.....	5
Dia da Criança.....	6
Sábados (tardes e noites).....	8
Dia do Companheirismo.....	9
Feirinha.....	10
Pedestrianismo e Cicloturismo.....	11
Noite Branca.....	12
A tua cara não me é estranha.....	13
Novo Salão Jogos e Dia do Paintball.....	14
Torneios do ano.....	15
Inauguração do Campo Futebol.....	16
Comemorações do 78º aniversário.....	18
Federação (<i>O Legado</i>).....	22
Acamparte.....	24
Correio do Leitor.....	26
25ª Marcha Nacional Veteranos.....	29
O Baú do Avô.....	30

Colaboraram neste número:

Alfredo Correia

Carlos Martins

Fernando Barbosa

João Luis Queiroz

Manuel Correia

Moreira Azevedo

Pedro Henriques

Ficha Técnica

ACAMPAR

Série VI - Ano V - N.º 6 - Outubro / Dezembro 2025

Revista Informativa do CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO
Edição e Propriedade do CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO
NIPC do CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO: 500 065 373
Instituição de Utilidade Pública
Medalha de Valor Desportivo - Ouro, da C. M. do Porto
Medalha de Ouro da Cidade de Esmoriz

Sede: Rua da Constituição, nº 803 – 4200-201 PORTO
Tel. 222 011 507 / Web: www.ccporto.pt | ccporto@ccporto.pt

Parque de Campismo de Esmoriz - 3885-529 Esmoriz - Tel. 256752709
Casa Abrigo de Belói - S. Pedro da Cova

FICHA TÉCNICA

Director: Jorge Agostinho

revista.acampar@ccporto.pt

Conselho de Redacção: Paula Leite

Foto de capa: Hotel de 1 bilião de estrelas (*Adobe Stock*)

Montagem / Impressão: Sersilito - Empresa Gráfica, Lda.

Os textos assinados refletem a opinião dos seus autores e não vinculam o **ACAMPAR** às ideias neles expressas.

O **ACAMPAR** respeita a adopção ou não do novo acordo ortográfico pelos autores, facto que se reflecte nos critérios editoriais adoptados. Os artigos e fotos não identificados são da responsabilidade do Director. As ligações (links) existentes na versão digital são verificadas à data.



Direcção



Caros companheiros,

Decorrido mais um ano, e com uma rapidez cada vez maior, eis que chegamos de novo ao Natal, um momento de partilha, solidariedade e sã convivência.

2025, foi mais um ano marcado por incertezas, tensões entre países, e, mais propriamente em Portugal, com o escalar de agressividade social que ameaça a convivência harmoniosa que todos desejamos.

Há mudanças rápidas, associadas a um cada vez maior isolamento da sociedade, que muitas vezes nos tornam “egoístas”. Ora, é exatamente nestes momentos que precisamos de nos lembrar do que realmente importa. É nestes momentos que mais devemos exortar o movimento campista, caracterizado pela solidariedade, pela entre ajuda e pela sã convivência.

É reconhecido que o campismo hoje, fruto da azafama do dia a dia, da distância, dos problemas de saúde e falta de vigor físico, da individualização da sociedade, têm reduzido as oportunidades de convívio. Mas também é notório que no Clube de Campismo do Porto, com especial incidência no Parque de Campismo de Esmoriz, continuamos a lutar diariamente para que seja um porto seguro, onde podemos encontrar o calor humano que, por vezes, falta no dia a dia.

Temos feito muito, mas este muito é muito pouco em relação aquilo que gostaríamos que fosse.

Neste natal, gostaria de vos lançar um convite. Que cada um de nós possa olhar para o nosso clube como uma extensão da nossa família. Haverá entre nós maior ou menor solidão, mas que cada um possa olhar para o seu vizinho, para o seu companheiro, com o espírito natalício. Uma chamada, um gesto de solidariedade, um simples ato de atenção pode transformar um dia em “melhor dia”.

Decorrido que está mais um ano, quero também deixar uma palavra de gratidão a todas e todos que contribuíram para o enaltecimento do nosso Clube e do nosso Parque. Aos membros dos Órgãos Sociais, aos trabalhadores do Clube de Campismo do Porto, e a todos os sócios que, de forma visível ou discreta, contribuíram para o espírito campista, mantendo o nosso clube vivo e dinâmico.

Neste Natal, desejo a cada uma e cada um de vós, e às vossas famílias, muita saúde, paz, amor e solidariedade. Que possamos encontrar alegria nas pequenas coisas e conforto na companhia uns dos outros. É este o verdadeiro espírito campista, que é aquilo que somos.

Ao entrarmos em 2026, possamos assumir o espírito de união e amizade que nos define.

FELIZ NATAL E UM ANO NOVO CHEIO DE FELICIDADE.

Saudações campistas,

Fernando Barbosa
(Presidente da Direcção do CCP)



O Clube de Campismo do Porto
deseja a todos
um Santo Natal
e Próspero Ano Novo



A 6 de dezembro de 2026, no Salão Nobre da Faculdade Motricidade Humana, em Lisboa, a FCMP realizou a cerimónia Comemorativa do 80º Aniversário da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, onde decorreu a entrega ao Clube de Campismo do Porto do troféu dos 75 anos de filiação.



Fernando Barbosa, na sua intervenção, enalteceu o papel dos Clubes Associativos, que à semelhança do Clube de Campismo do Porto, fazem um trabalho inigualável para com a sociedade. Em Portugal, associativismo é uma força social vital, abrangendo milhares de associações (Culturais, desportivas, recreativas e sociais, que promovem a integração, cultura e participação cívica, sendo um pilar da economia social com grande diversidade e fins.

Relacionado com os clubes com parques de campismo, lembrou o quantas vezes os clubes se substituem ao estado. Seja pelo papel social, seja pelo papel económico das localidades onde estão inseridos.

Nos Parques de Campismo, combate-se a solidão, motiva-se a convivência, o exercício físico, os laços sociais. É notório que quem frequenta os parques de Campismo Associativo, ganha saúde e bem-estar. Combate-se a solidão e criam-se hábitos de vida mais saudável, que origina a que campistas recorram menos vezes aos centro de saúde, necessitem menos de apoio domiciliário, e principalmente, se combata a solidão.

Economicamente, os Clubes Associativos com Parque de Campismo, são também promotores de postos de trabalho, trabalhadores na sua maioria residentes na área de implantação desses mesmos Parques de Campismo, assim como contribuem para o dinamismo económico dessas localidades.

Salienta-se também que são um parceiro, sempre presente, junto do Poder Autárquico e das IPSS dessas localidades, disponibilizando alojamento temporário quando urgente e necessário.

Aproveitando a presença de representante do IPDJ, Fernando Barbosa alertou para as dificuldades que sentem os Dirigentes Associativos. É um facto que frequentemente se enumera a falta de jovens disponíveis para serem dirigentes, e isto, combate-se com políticas de incentivo, e com correções ao atual modelo.

Atualmente, a um Presidente de Direção de um clube associativo é-lhe exigida a responsabilidade equiparada a um gestor assalariado, no entanto, este dirigente desempenha a sua função de forma gratuita. A Lei 20/2024 de 5 de junho, determina que o dirigente associativo não remunerado possa faltar 3 dias por mês ao trabalho, mas discrimina conforme a sua entidade patronal. Se trabalhador na função pública, ou setor empresarial do estado, a lei determina que essas faltas são pagas. Se trabalhador em entidade patronal, o pagamento fica ao critério da entidade patronal. Ora, isto leva a que cada ausência, apesar de justificada, sendo trabalhador de empresa privada, normalmente perde o vencimento desse dia.

Pelo facto, e se a sociedade pretende que haja mais jovens no mundo associativo, Fernando Barbosa instou a Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, juntamente com o IPDJ, a desenvolver esforços no sentido de alteração legislativa que não discrimine negativamente um dirigente associativo trabalhador de entidade privada.

Com orgulho, o Clube de Campismo do Porto recebeu o troféu, simbolizando os 75 anos de filiação na FCMP (1947-2022).

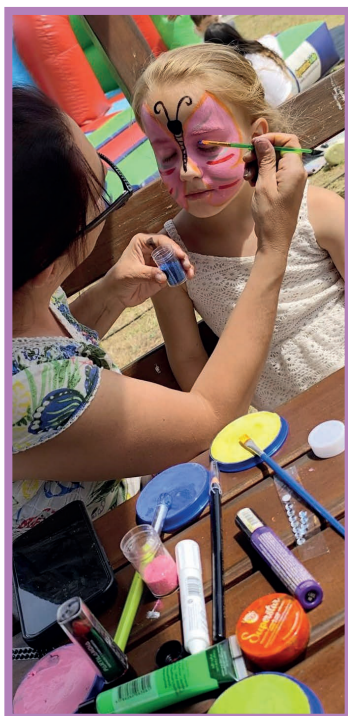
Longa vida à FCMP, longa vida ao CCP.



Dia da Criança – Um Dia Mágico no Parque de Campismo de Esmoriz

No Parque de Campismo de Esmoriz, acreditamos que o Dia da Criança é feito de sorrisos, fantasia e momentos que ficam gravados para sempre. Por isso, todos os anos fazemos questão de criar um ambiente verdadeiramente mágico, pensado ao detalhe para proporcionar alegria aos mais pequenos — e também aos mais crescidos.

Este ano não foi exceção: o parque transformou-se num verdadeiro mundo de diversão, com insufláveis para todas as idades, desde os mais aventureiros aos mais delicados. As pinturas faciais, realizadas por equipas talentosas, deram asas à imaginação e multiplicaram-se princesas, super-heróis, animais e criaturas encantadas.



O cheirinho doce no ar vinha do nosso carrinho de pipocas e algodão doce, preparados na hora, quentinhos, fofinhos e impossíveis de resistir. Uma autêntica delícia para toda a família.

Mas a maior surpresa do dia foi, sem dúvida, a visita muito especial de duas mascotes adoradas pelas crianças — o Mickey e o Panda. Percorreram o parque, distribuíram um maminho a cada criança e encheram o recinto de abraços, gargalhadas e magia. No final, todos tiveram a oportunidade de tirar uma fotografia para eternizar o momento, criando memórias que, certamente, acompanharão estas crianças por muitos anos.

O Dia da Criança no nosso parque é mais do que um evento — é um gesto de carinho, uma celebração da inocência e da alegria dos mais pequenos. E é com orgulho que continuamos, ano após ano, a espalhar magia, amor e felicidade nas nossas crianças.



7



Sábados com Ritmo

Dança para Todas as Idades no Parque Campismo Esmoriz
Os sábados à tarde no CCP têm um encanto muito especial. Às 18h em ponto, o parque ganha vida com uma das atividades mais musicais da nossa comunidade: as aulas de ritmos de dança, abertas a todas as idades e a todos os níveis de experiência.

A nossa professora, sempre atenta e dedicada, conduz cada sessão com o cuidado de garantir que todos conseguem acompanhar, desde os mais envergonhados até aos que já dançam com alma e coração.



O ambiente é descontraído, leve, cheio de sorrisos... e de muito movimento!

Dançar faz bem ao corpo e à alma.

Desperta alegria, reduz o stress, melhora a energia e aproxima as pessoas. E a verdade é simples: quem dança é mais feliz.

Nas tardes de sábado, vemos famílias a dançar lado a lado, crianças a imitarem passos, avós a mexerem-se ao seu ritmo, e campistas de todas as idades a deixarem-se levar pela música. Aqui, ninguém fica de fora — todos fazem parte desta onda de boa disposição que já se tornou uma tradição do nosso verão.

Mais do que uma aula, é um momento de bem-estar, união e saúde, onde celebramos a vida ao som da música e da alegria coletiva.

8



Noites de Baile



Dia do Companheirismo Celebrar aquilo que nos une

No Parque de Campismo de Esmoriz, acreditamos profundamente que a essência do campismo é o companheirismo — a entreatajuda, a união, a partilha e o espírito de família que se vive todos os dias.

Mas, numa sociedade onde esta palavra começa a perder força, sentimos que era importante dar-lhe novamente o seu valor.

Assim nasceu o Dia do Companheirismo, um evento criado para celebrar exatamente isso que nos define enquanto comunidade. Este ano realizámos a 2.ª edição, e é com enorme orgulho que vimos as inscrições aumentarem significativamente em relação ao ano anterior — um sinal claro de que esta iniciativa já conquistou o coração dos campistas.

É um dia diferente, especial e cheio de significado.

Criamos um espaço dedicado exclusivamente ao convívio, onde todos se podem juntar para:

Um jantar partilhado, cheio de sabores, histórias e receitas de família.

Muitas risadas e brincadeiras, que aquecem o espírito.

Música, cantorias e danças, que mantêm a alegria noite dentro, não fosse a chuva....

Momentos de verdadeira união, onde se fortalecem amizades e nascem novas ligações.

Mais do que um evento, o **Dia do Companheirismo** tornou-se uma tradição que honra o que somos enquanto comunidade: pessoas que se respeitam, que cuidam umas das outras e que fazem do parque um lugar onde todos se sentem em casa.

O nosso desejo é simples:

Que em 2026 as inscrições se multipliquem ainda mais e que este dia continue a crescer, ano após ano, mantendo viva a magia do companheirismo.

No Parque de Campismo de Esmoriz, celebramos juntos - porque, juntos somos sempre mais.





F
E
I
R
I
N
H
A





Cicloturismo do CCP

O nosso grupo de cicloturismo este ano não se limitou a passeios pelas redondezas, decidiram ir mais longe e tiveram saídas até Arouca e Fátima. Com alguns percalços pelo caminho chegaram todos bem. Resumindo todos os domingos da parte da manhã o grupo sai para as voltas rotineiras como:

-Santa Maria da Feira, Torreira, Aveiro, Avanca, Pardilhó, Loureiro e Salreu.

Com este espírito continuarão a ter as suas saídas semanais mantendo a esperança que novos elementos se juntem ao grupo.

Grupo de Cicloturismo e Pedestrianismo

Saúde, Amizade e Aventura Todos os Domingos

No Parque de Campismo de Esmoriz, o bem-estar e o convívio andam sempre de mãos dadas. É por isso que, há já vários anos, temos um grupo muito especial que representa na perfeição o espírito ativo e saudável da nossa comunidade: o nosso Grupo de Cicloturismo e Pedestrianismo.

Todos os domingos, pontualmente às 9h, este grupo reúne-se com entusiasmo para mais uma manhã de movimento, energia e boa disposição. Seja de bicicleta ou a caminhar, o objetivo é sempre o mesmo:

Exercitar o corpo

Desanuviar a mente

Aproveitar a natureza

Fortalecer laços de amizade

Os percursos variam entre trilhos de floresta, zonas urbanas, caminhos tradicionais e paisagens lindas da nossa região. A cada domingo nasce uma nova aventura, sempre num ambiente descontraído, acolhedor e aberto a todos — desde os mais experientes aos principiantes que querem simplesmente começar a mexer o corpo.

Mais do que um grupo desportivo, tornou-se um ponto de encontro semanal, onde se partilham histórias, se criam memórias e se enriquece a vida comunitária do parque. Aqui, o importante não é chegar primeiro, mas sim chegar juntos.

O Grupo de Cicloturismo e Pedestrianismo é o reflexo daquilo que nos define:

uma comunidade ativa, saudável, solidária e sempre pronta para viver a vida ao ar livre.

E claro... todos são bem-vindos a juntar-se a esta energia positiva todos os domingos às 9h!



Noite Branca

Uma Celebração de Paz, Luz e Boa Energia no Parque de Campismo de Esmoriz

Entre os eventos que marcam o verão no Parque de Campismo de Esmoriz, há uma noite que se destaca pela beleza, pela simbologia e pelo ambiente único que cria: a nossa Noite Branca.

Ano após ano, esta festa transforma o parque num cenário luminoso, elegante e cheio de boas vibrações. Todos se vestem de branco, numa homenagem à paz, à harmonia e à união — valores que nos representam enquanto comunidade.

A cor branca ilumina o recinto, criando uma atmosfera quase mágica: tudo decorado a branco, famílias reunidas, música no ar e um sentimento coletivo de tranquilidade e alegria. Nada é deixado ao acaso. Tudo é pensado para que este seja um dos momentos mais especiais da época. E como não podia deixar de ser, nesta noite viajamos no tempo com uma mítica seleção musical dos anos 80, que faz vibrar todas as gerações: A Noite Branca não é apenas uma festa — é uma tradição que celebra o espírito do parque, a união entre campistas e a alegria de estarmos todos juntos, de forma simples, genuína e luminosa.

A cada edição, o branco renova-se, a energia cresce e a certeza mantém-se: Esta é uma das noites mais especiais do nosso verão.



12



A tua cara não me é estranha

O Espetáculo Mais Esperado do Verão

Entre todos os eventos que iluminam o verão no Parque de Campismo de Esmoriz, há um que conquista sempre o coração dos campistas e que se tornou, ao longo dos anos, um verdadeiro marco do nosso calendário cultural: **“A Tua Cara Não Me É Estranha”**. Este espetáculo, inspirado no famoso formato televisivo, transforma uma simples noite em algo absolutamente memorável.

Aqui, os protagonistas são os próprios campistas, que se inscrevem com entusiasmo para imitar cantores à sua escolha, atuando em play-back, mas dando vida à personagem com uma entrega total.

Os participantes recriam o artista original ao detalhe:

a roupa, a maquilhagem, a postura, os trejeitos em palco, a energia da performance.

Nada é deixado ao acaso — e é precisamente essa dedicação que torna o evento tão especial.

Mas não são apenas os concorrentes que brilham.

Toda a produção é pensada ao pormenor, num esforço conjunto da equipa e dos voluntários do parque:

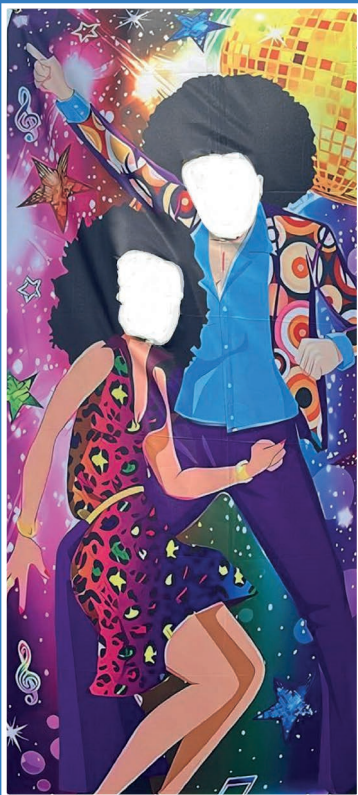
Apresentadores carismáticos, que animam o público do início ao fim; Júri inspirado, que avalia com humor e boa disposição; Palco transformado, com luz, som e ambiente de espetáculo; Plateia completamente esgotada, ano após ano.

Trata-se de um dos eventos mais trabalhosos e exigentes de preparar, mas também um dos que mais orgulho nos dá, porque representa a essência do Parque de Campismo de Esmoriz: a união, a alegria, a criatividade e o espírito comunitário.

No final, ninguém sai igual.

Os campistas brilham, o público vibra, e o parque ganha uma noite que fica para sempre guardada na memória...

...até ao ano seguinte, onde todos esperam ansiosamente pela próxima edição deste espetáculo que já é tradição.



13



Remodelação do Antigo SUPERMERCADO – No novo Salão de Jogos

Um dos momentos mais marcantes deste ano no Parque de Campismo de Esmoriz foi, sem dúvida, a remodelação integral do antigo edifício onde, em tempos, funcionou um supermercado. Um espaço que há muito precisava de ganhar nova vida e que, graças ao compromisso e colaboração entre as partes envolvidas no consórcio, foi totalmente transformado num ponto de encontro moderno, confortável e cheio de dinamismo.

Hoje, este edifício renovado é um Salão de Jogos completo, pensado para receber campistas de todas as idades. O espaço está equipado com: Mesas de bilhar, Matraquilhos, Setas, Máquinas de diversão e Jogos eletrónicos... entre outras opções que fazem as delícias de jovens e adultos.

A requalificação não só melhorou a infraestrutura como reforçou o espírito comunitário do parque. Ao longo do ano, o salão recebeu diversos encontros e atividades, sendo destaque os torneios de bilhar, que contaram com grande adesão e um ambiente saudável, competitivo e muito divertido.

Este novo espaço tornou-se rapidamente um ponto de convívio privilegiado, que aproxima pessoas, gera novas amizades e contribui para que o Parque de Campismo de Esmoriz continue a afirmar-se como um local onde se vive o lazer, a partilha e o bem-estar em comunidade.



14

Dia de Paintball – Aventura, Estratégia e Diversão para Todas as Idades

Integrado no fim de semana do Companheirismo, o já tradicional Dia de Paintball voltou a animar o CCP pelo segundo ano consecutivo. Este é um dos momentos mais aguardados pelos mais pequenos, reunindo participantes de todas as idades para uma manhã repleta de adrenalina, estratégia e muita diversão.

Equipados e preparados para a ação, os grupos dividiram-se em equipas e aventuraram-se pelo campo, onde não faltaram esconderijos, táticas improvisadas, trabalho de equipa e emocionantes perseguições. Entre risos, disparos falhados desafios inesperados, cada participante deu o seu melhor para levar a sua equipa à vitória.

Apesar de todos entrarem com espírito competitivo, o verdadeiro objetivo do jogo foi cumprido: promover o companheirismo, a união e o divertimento saudável entre campistas de diferentes idades.

No final, tal como no paintball, só uma equipa pode ganhar — mas a verdade é que todos saíram vencedores, porque levaram consigo memórias incríveis e um espírito de camaradagem reforçado.

O Dia de Paintball tornou-se já uma tradição do nosso fim de semana do Companheirismo, e promete continuar a crescer nos próximos anos, sempre com mais estratégia, mais cor... e muito mais diversão.



Torneios do Ano

Competição, Convívio e Espírito de Comunidade

Ao longo do ano, o Parque de Campismo de Esmoriz viveu momentos inesquecíveis de convívio e competição saudável com os vários torneios desportivos e recreativos que reuniram campistas de todas as idades.

A participação foi enorme e a energia, como sempre, contagiante.

Entre risos, jogadas de mestre e muita boa disposição, passámos por:

Torneios de Setas, onde a pontaria e a concentração elevaram a fasquia;

Torneios de Bilhar, que encheram o nosso novo salão de jogos com grandes disputas;

Desafios de Matraquilhos, sempre emocionantes e cheios de rivalidade saudável;

Torneios de Cartas, especialmente de sueca, onde a estratégia e o espírito de equipa predominaram;

Torneios de Futebol, agora no renovado campo de relva sintética, que fizeram vibrar miúdos e graúdos;

Torneios de Malha, uma tradição que continua a unir gerações e a trazer nostalgia às tardes do parque.

Todos estes eventos tiveram muita adesão, demonstrando que os campistas não só gostam de competir, como valorizam acima de tudo o espírito de comunidade, o respeito e a diversão.

Mais do que vencedores, formaram-se equipas, criaram-se amizades e reforçou-se a ligação entre todos. Cada torneio foi um sucesso e contribuiu para o ano vibrante e memorável que vivemos no Parque de Campismo de Esmoriz. E assim, entre jogos, gargalhadas e momentos de adrenalina, continuámos a construir aquilo que nos define:

um parque vivo, unido e cheio de espírito desportivo.



Remodelação do Campo de Futebol

Uma Obra Pensada para a Segurança e Felicidade das Crianças

O campo de futebol do Parque de Campismo de Esmoriz é, há muitos anos, um dos espaços mais utilizados e acarinhados pelos nossos pequenos campistas — que ali passam horas a correr, a brincar, a criar amizades e a viver o verdadeiro espírito do parque.

No entanto, o antigo piso em cimento já não oferecia as condições de segurança necessárias, representando o risco acrescido de quedas, escoriações e lesões. A estrutura já mostrava sinais claros de desgaste e estava mais do que na altura de receber a renovação que há muito se justificava.

Com a segurança das nossas crianças como prioridade máxima, avançámos para uma remodelação profunda e transformámos o antigo campo num moderno espaço desportivo com relva sintética.

O resultado?

Um verdadeiro espetáculo visual e funcional, que trouxe conforto, segurança e uma nova energia ao parque.

A nova relva não só reduz drasticamente o risco de quedas e ferimentos como torna o espaço muito mais agradável, convidativo e adequado para todas as idades. Agora, ver as crianças a correrem livres, a jogar descalças se quiserem, e a aproveitarem cada minuto com alegria e proteção, é motivo de enorme satisfação para todos nós. Esta obra representa muito mais do que uma melhoria física. É um investimento no futuro, na qualidade de vida e na segurança das famílias que fazem parte da nossa grande comunidade campista. No Parque de Campismo de Esmoriz, continuamos empenhados em criar espaços onde todos se sintam bem, protegidos e felizes — e o novo campo de futebol é um exemplo disso mesmo.

16





17



01/06/2025 11:14

Reportagem, realizada por Dr. Pedro Henriques, a 15 agosto, e posteriormente publicada no jornal Voz de Esmoriz em 27 agosto 2025



18

Clube de Campismo do Porto celebrou 78º aniversário e recordou o papel central do parque de campismo na evolução de Esmoriz

O Clube de Campismo do Porto (CCP), responsável pela gestão do Parque de Campismo de Esmoriz, assinalou 78 anos de existência nesta sexta-feira, e nesse âmbito, voltou a organizar a cerimónia solene que juntou entidades públicas, clubes de campismo, associações, associados e amigos do Clube.

O dia começou, bem cedo, com a recepção das entidades, a actuação formidável da Fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Esmoriz, o transporte da bandeira do Clube de Campismo do Porto pela secção de Pedestrianismo, Cicloturismo e Pesca, seguindo-se depois o hastear das bandeiras e a respectiva leitura da acta de fundação do Clube de Campismo do Porto.

Como disséramos, o evento ficou naturalmente marcado pelas declarações dos mais diversos representantes numa sessão que teve lugar no jardim do parque de campismo, nas imediações da entrada, espaço que tem sido habitualmente escolhido para estas iniciativas.

O Presidente de Clube de Campismo do Porto, Fernando Barbosa, sublinhou o contributo histórico do Clube e do Parque de Campismo de Esmoriz, os quais foram motores do desenvolvimento de Esmoriz ao longo de várias décadas. Nesse sentido, e fazendo uma espécie de contraditório, salientou que não gostou de ter ouvido algumas declarações, numa sessão de Assembleia de Freguesia em Esmoriz, que compararam o parque de campismo a “um bairro de lata”, o que no seu entender, não refletem análises justas ou corretas, voltando a enfatizar que o parque de campismo foi e tem sido determinante para o crescimento da cidade, sendo ainda atualmente o maior inquilino da Junta de Freguesia de Esmoriz. Por outro lado, recordou algumas das intervenções recentes realizadas pelo CCP no parque de campismo, nomeadamente o investimento num salão de entretenimento/lazer geral, a construção de uma cisterna, a melhoria das condições de segurança do campo de jogos, a aquisição de novos portões exteriores e a colocação em curso de uma nova rede interna de água. Afirma ainda que quer continuar a colaborar com a Junta de Freguesia de Esmoriz e com a Câmara Municipal

de Ovar, a fim de desenvolver mais o parque e a enfrentar os desafios que se avizinham futuramente. A cerimónia contou ainda com as intervenções de António Sá (Presidente da Junta de Freguesia de Esmoriz), António Bebiano (Vereador do Urbanismo da Câmara Municipal de Ovar), Nelson Gomes (Adjunto de Comando dos Bombeiros Voluntários de Esmoriz), Paulo Sousa (Presidente da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal) e Alcides Horta (Presidente da Federação das Colectividades do Porto). Todos eles felicitaram o Clube de Campismo do Porto por mais um aniversário e prometeram prosseguir com a cooperação já estabelecida, reconhecendo o seu papel nevrálgico no desenvolvimento, a vários níveis, da cidade de Esmoriz e da região envolvente.

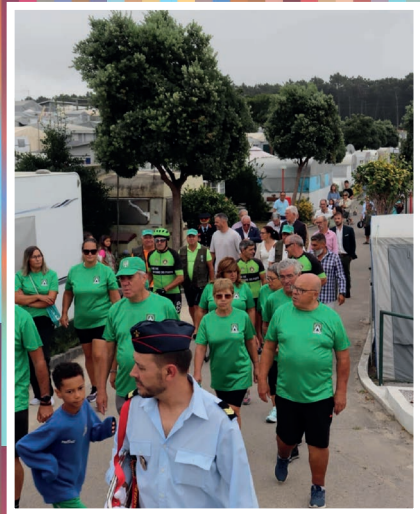
Por outro lado, destacamos algumas considerações concretas que ouvimos durante a cerimónia (nomeadamente da parte dos dirigentes campistas) que alertavam para o estado geral do associativismo (havendo a sensação de que este estará em declínio, no panorama nacional) e para as novas tendências de aquisição de infraestruturas campistas por parte de entidades comerciais privadas, cenário que está a preocupar muitos dirigentes campistas que defendem os clubes associativos e temem que outros interesses especulativos financeiros possam colocar em causa, nos próximos tempos, a sobrevivência de muitos clubes de campismo e dos parques e infraestruturas que gerem.

Foram ainda entregues lembranças institucionais entre as entidades presentes, além da atribuição de pins em ouro e medalhas aos associados do Clube de Campismo do Porto com 50 e 25 anos de filiação, momento que aconteceu sempre acompanhado com chuvas de aplausos por parte de uma tribuna bem composta.

Depois houve o almoço de aniversário e, da parte da tarde, tivemos o cantar dos parabéns e a degustação de um saboroso bolo.









O COMPANHEIRISMO É UM SENTIMENTO QUE SEMPRE PERMANECE

Após 12 anos de dedicação, voluntária e benévola, à nossa FCMP, partindo duma situação nunca ambicionada, logo inesperada, não posso deixar de sublinhar, quão gratificante foi o privilégio de exercer, com toda a disponibilidade e dedicação, mas num mundo a descobrir, a função de Presidente duma Federação quase campista e montanheira, sem grande ambição desportiva, mas que, com os saberes e total entrega dos seus profissionais, conduzi-la até aos pódios, nacionais e internacionais, que foram alcançados, mais por mérito dos atletas do que pela capacidade real que a máquina federativa podia proporcionar-lhes os instrumentos e os meios necessários para chegar às vitórias.

Foi um período de grandes lutas, umas ganhas e outra perdida, infelizmente, mal perdida pelos antecedentes que evidenciam essa perda, mas que foi, ao mesmo tempo, um período de experiência e aprendizagem, que mereceu o apoio, quase unânime, dos Clubes de que a FCMP se orgulha de representar, donde emergem dirigentes de uma fibra incrível sempre disponíveis para remar no mesmo sentido.

Sem me querer alongar, começaria por afirmar que a primeira vítima dessa falta de experiência foi sem dúvida quando o CCP, que foi fortemente penalizado, em janeiro de 2013, logo nos primeiros dias do mandato (quando ainda estávamos a procurar perceber que caminho trilhar para dirigir a Federação e como tivemos que recorrer à banca para pagar salários), e o País foi fortemente assolado por um tornado que virou do avesso o Parque de Esmoriz, mas que atingiu muitas mais instalações do setor e de outros setores económicos do País.

Mas não sendo aqui o lugar, nem o momento para fazer história, registo com orgulho a última conquista, ainda no meu mandato.

Como já é do domínio público, já reunimos os requisitos necessários para sermos uma Federação desportiva com o estatuto olímpico internacional.

Deixo aqui, um abraço muito fraterno e grato pela confiança e solidariedade com que sempre pude contar, o meu tributo de gratidão a todos os que, de boa vontade servem o CCP e o projetam no futuro.

João Luis Queiroz



O CCP nos Órgãos Sociais da FCMP

Na sequência das eleições federativas, para o quadriénio 2025-2028, foram eleitos estes nossos Associados.

Direção

Elisa Pestana

(Vice Presidente)



Conselho Disciplina

Olinda Barbosa

(Presidente)



Conselho Arbitragem

José Luis Nunes

(Presidente)



Assembleia Geral

Fernando Barbosa

(Delegado rep. Filiadas)



Assembleia Geral

Jorge Agostinho

(Delegado rep. Praticantes)



Gala do 80º Aniversário da FCMP
(troféu comemorativo dos 75 anos de filiação do C.C.P.)



Também o nosso sócio nº 42, Mário Silva Agostinho e esposa (apesar da ausência justificada) foram agraciados com uma Distinção, pelo contributo de uma Vida ao Movimento Campista.



Sessão Solene Comemorativa dos 80 anos da Federação, realizada a 6 dezembro, na Faculdade de Motricidade Humana, onde se agraciaram as Associadas com 25, 50 e 75 anos de filiação.



À CAMPARTÉ



As minhas raízes

(conversas de Bastidores Manuel Ramos Costa - em revista digital Talma (já extinta))

encenador e dramaturgo, Alfredo Correia, o pai do teatro associativo

... “ bem consciente do lugar que ocupa no meio teatral, mas nem sempre bem-disposto com as realidades que o cercam, mormente, aquelas que obstam à descentralização do centralismo urbano no campo das artes em prol das populações culturalmente menos favorecidas. Falo-vos de Alfredo Correia, mentor da expressão «teatro associativo» e acérrimo defensor do movimento associativo.”

“Sempre que o vejo está posto de fato e gravata, bem penteado, bem barbeado, bem-falante, bem consciente do lugar que ocupa no meio teatral, mas nem sempre bem-disposto com as realidades que o cercam, mormente, aquelas que obstam à descentralização do centralismo urbano no campo das artes em prol das populações culturalmente menos favorecidas. Falo-vos de Alfredo Correia, mentor da expressão «teatro associativo» e acérrimo defensor do movimento associativo.”

De ar circunspecto, sorriso leve, olhos de bom observador, Alfredo Correia sente o que diz e sabe do que fala, principalmente, quando o assunto é o seu querido «Amasporto». Actor, encenador, dramaturgo e amante compulsivo de tudo aquilo que à arte de Talma diz respeito, Alfredo Correia tornou-se numa figura incontornável da cultura da grande região portuense.

Onde e quando nasceu, quais as memórias que guarda da sua infância e do «Porto Profundo» que conheceu, foi o que primeiramente quis dele saber e o quadro de respostas é verdadeiramente pictórico e enternecedor:

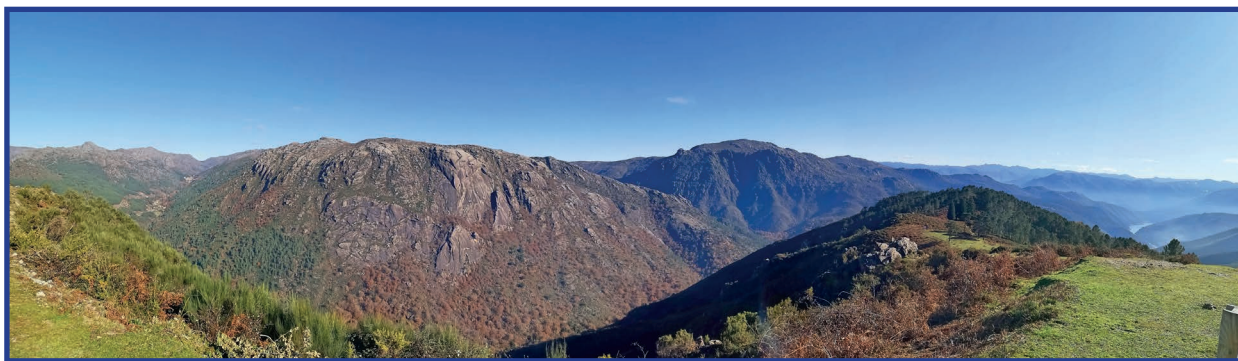
Na Maternidade de Júlio Diniz, da Cidade do Porto, no ano de 1946, pelas 14:30 horas, do dia 26 de Agosto. Dois anos antes de ir para a Escola Primária, fui viver para um enorme espaço urbano, que era rodeado pelas Ruas do Bonjardim, das Musas e Fonseca Cardoso, na Freguesia de Santo Ildefonso, no centro da Cidade. Era um bairro de características operárias. Era uma âncora de comunidade solidária, pacífica e trabalhadora. A morfologia das suas casas era idêntica à das muitas ilhas que existiram (e algumas, ainda existem) na cidade. Mas, o Bairro Leal era um «mar de gente», onde cabiam muitas «ilhas» com nomes próprios dos lugares do bairro. Havia o bairro de cima, o bairro de baixo, o poço, as escadinhas, o corredor e a rampa. Podemos ver o quanto era grande este bairro. Era tão grande, que só muito recentemente começou, injustamente, a ser demolido. Era um lugar onde o comércio a retalho e de serviços vivia pare-desmeias com os seus habitantes.

Tinha duas Mercerias, uma do Sr. David (no bairro de baixo) e a outra, mais pequena, do Sr. Manuel e da Alexandrininha (no bairro de cima); a Carvoaria do Sr. Carlos; a banca do senhor que «fazia» bolas (de couro) para os clubes de futebol; a Dona Beatriz modista; a Miquinhas que fazia torrões de açúcar; O Sr. Victor mecânico, o Sr. Jacinto barbeiro, o Sr. Abel fotógrafo, o Sr. João sapateiro, a Lininha apanhadeira de malhas e tantas outras gentes deste meu «Porto Profundo». Antes de ir para a Escola, aprendi a ler as horas no relógio da mercearia do Sr. Manuel. No Bairro Leal entravam carros, que um ou outro morador tinha, passavam furgonetas e camionetas dos serviços da Câmara, carroças com um cavalo, era o azeiteiro que vendia aos quartilhos o azeite, e as carroças com bois, que os homens vendiam litros de leite à vizinhança.

Corriam todo o Bairro, as vendedeiras de hortalças, a dos ovos e galinhas, a dos bancos e gamelas, as dos limões, alhos e cebolas, as peixeiras, as leiteiras e padeiras. Aos domingos, aparecia um homem com uma balança de pesar, e apregoava «É a tostão! Quem se pesa?».

De vez em quando, vinha um barbeiro, conhecido pelo «Sevilha», que, depois de Abril (diziam que tinha sido preso pela Pide), passou a pedinte, dormia debaixo do viaduto de Gonçalo Cristóvão, ficou muito doente e, um dia, disseram que tinha morrido. Apareciam, aos sábados de tarde e aos domingos de manhã, tocadores de banjo e cantadores de versos da «desgraçadinha»; vinha uma família que apresentava números circenses (o homem tinha um grande calo na testa, por equilibrar um grande alguidar); vinham os propagandistas da «banha da cobra» e os vendedores de tudo. Pareciam lojas dos trezentos ambulantes. Havia um homem que vendia meias de vidro que não rasgavam. Limitava-se a passar, com mestria, um pente de aço pela meia abaixo e, mais tarde, ouviam-se as mulheres a queixarem-se que aquilo era truque. Claro que as meias ganhavam «foguetes como as outras» e depois lá estava a apanhadeira de malhas que esfregava as mãos de contente. Apareciam as ciganas a fazer «mesinhas» que davam sorte... Havia quem lhe chamasse bruxedo... Depois em casa, davam falta do ouro e outras peças de valor. Pelo S. João, lá vinham os homens com os carneiros, que os matavam, esfolavam e os vendiam inteiros ou às metades. Faziam-se fogueiras, colavam-se bandeirinhas de papéis coloridos em cordas e muitos faziam a cascata. Os catraios tinham os santinhos – o Santo António, o S. João e S. Pedro –, mas pediam sempre «um tostãozinho pró S. João». Nas Musas, a comissão de festas organizava os Bailes, com um locutor de cabina, o Arlindo, que anunciava as músicas pedidas – dez tostões por cada pedido –, e assim alguns lá arranjavam namorico. À meia-noite comiam-se torradas com café. Depois lá para as tantas da noite, saíam as rusgas, até às Fontainhas e, ao nascer o dia, iam grupos até à Praia do Molhe que só regressavam para almoçar o anho assado, que na maioria dos casos era assado no forno da Padaria do Bonjardim, do Sr. Júlio. Na Páscoa, alguns recebiam o compasso, e a catraiada estreava roupa nova. No Natal, era arranjar pinheiros nos campos, para fazer a árvore de natal. As bolas coloridas eram de vidro e, às vezes, lá surgiam golpes nos dedos. Era pôr o sapatinho (neste caso a bota cardada) junto à chaminé, mas só no dia seguinte, muito cedinho, nem se dormia descansado, é que tínhamos as prendas. Por volta da meia-noite, ouvíamos os pais encenarem a chegada do Menino Jesus. Naquele tempo, não era o Pai Natal que trazia as prendas. Havia um espaço para as práticas desportivas – futebol, hóquei, o jogo da casquinha e o jogo do «porta em porta». Muitas vezes a bola de papel, de meia ou de borracha, entrava pelo postigo das traseiras do Farrapeiro. Fazia-se um intervalo até que o «Se Manel» decidisse, que um de nós fosse buscar a bola, lá no meio de um grande monte de papéis, que às vezes chegava ao tecto.

Muitas vezes o jogo tinha que ser adiado, enquanto o «Se Manuel» não desse a bola. Havia espaço mais que suficiente, para fazer corridas de bicicleta, mas daquelas sem rodas, fazíamos o guiador de arame e cobríamos com fios de embrulho coloridos «p’ra dar mais sainete»; andar de carrinho de rolamentos; fazer corridas de arco e gancheta; jogar às cordas; jogar ao pião, às escondidas; à macaca; e às pedrinhas, que eram caroços de pêssigo, e ao «virinha de jogadores» para encher mais depressa a caderneta, que dava como prémio uma bola (a sério) de futebol. As crianças eram felizes, brincavam na rua, tinham tempo para fazer os deveres da escola e aprender a doutrina, que durava tantos anos, como fazer a quarta classe. A alegria era coisa que não faltava. No Bairro Leal, as pessoas eram felizes. Hoje...fica-nos a memória de um tempo difícil, de gente sã, onde o coração falava sempre mais alto. Este é o lugar do meu «Porto Profundo», que cabia perfeitamente no espectáculo que adaptei, dos textos publicados em livros, do historiador portuense, o prof. Hélder Pacheco.

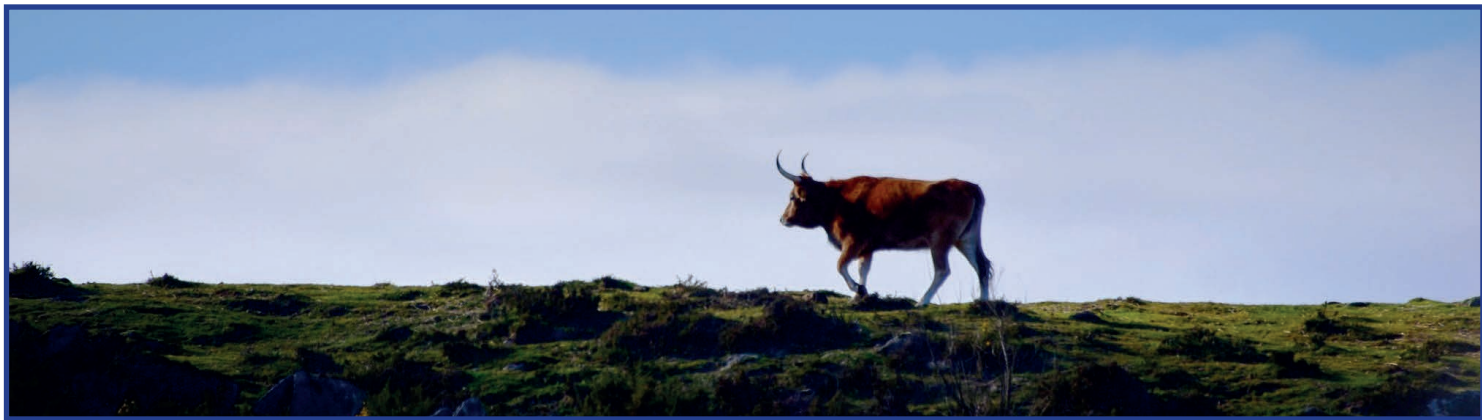


FINS DE ANO ESPECIAIS

Se não me falham as contas, já passei 66 fins de ano! Porém, de poucos me recordo, e muitos dos que lembro, não me despertam particular nostalgia. Curiosamente, alguns dos mais “especiais” foram precisamente os que não tiveram “nada de especial”, nem grandes luzes, nem grandes sons, nem grandes bebidas e comidas, nem vestidos e lantejoulas, nem fatos e gravatas. Os que mais guardo na memória, e no coração, foram passados em lugares simples, com gente simples e de forma simples.

Na infância, recordo os fins de ano passados no borralho da casa dos avós ou na modesta casa de férias de Sesimbra onde os candeeiros a petróleo ainda substituíam a luz elétrica, havia uma grande banheira de chapa zincada que me parecia uma piscina e todos dormíamos em beliches. Na adolescência um fim de ano em viagem pelo Gerês com os meus pais e os (foram vários) passados na Pousada da Juventude das Penhas da Saúde com a malta do montanhismo... hoje “Históricos da Montanha”. Mais tarde, já casado, o que mais vezes vem à memória foi um 31 de Dezembro em que encontramos o meu Amigo Pedro Cid sozinho a fazer uma travessia do Parque Nacional da Peneda-Gerês e resolvemos ir comprar uma garrafa de verde para nos juntarmos a ele e, à falta de hotel, dormimos (eu, a minha mulher e ele) nas cavaliças da Casa do Guarda Florestal de Albergaria. Outro também inesquecível foi o passado com os nossos amigos de sempre de Algés e Dafundo, o Mário, a Paula o Tó Zé e Clara, em Sagres, na casa da Dona Isilda, que costumávamos alugar todos os Verões para explorar a, na altura, quase deserta Costa Vicentina e fazer épicas caçadas submarinas que nos serviam de sustento. Mais recentemente, nas minhas andanças pelo mundo, terminei o primeiro ano do milénio na Bósnia-Herzegovina com cerca de 400 militares do Batalhão NATO que tive a suprema honra de comandar numa das missões portuguesas naquele país, com temperaturas abaixo dos -20 graus. Uns anos depois, em 2005, na Caxemira Paquistanesa, junto ao pré-Himalaia, no rescaldo de um terrível terramoto que ceifou mais de 100.000 vidas, embarquei de emergência no dia 26 de Dezembro e o fim de ano foi no acampamento da ONU, mesmo ao lado do acampamento dos “rapazes” da Al-Qaeda (tinha sido acordado um pacto de não agressão por seis meses enquanto se socorriam as vítimas do sismo). Com um frio de rachar, celebrámos a passagem de ano em frente a um fogueirão, mas nem 5 minutos depois começou a nevar, a temperatura desceu ainda mais e as tendas insufláveis (colectivas) começaram a desabar, uma após outra, porque o ar dentro das tubagens contraiu e os panos perderam sustentação. Acabou a “festa” e tocou a ligar alguns compressores para injectar ar nas tendas e pô-las de novo de pé. Já em 2010, em Moçambique, foi um fim de ano diferente, africano, com temperaturas acima dos 30 graus e o dia 1 de Janeiro passado na piscina do Miramar, em Maputo, com os nossos Amigos Jorge, Alice e as suas filhotas. O meu primeiro ano de reforma, foi dedicado às “latitudes” e estive em várias, entre a Antártida e o Ártico. Provavelmente pouco satisfeitos com as prendas do Pai Natal, fomos atrás dele, entrámos em sua casa na Lapónia, e com ele passámos o Fim de Ano à roda de uma fogueira acesa precisamente sobre o Círculo Polar Ártico, a brindar com glögi (vinho quente finlandês). Começámos esta década com os nossos Amigos Augusto e Sissi na Ilha da Madeira, onde aproveitámos para percorrer algumas das bonitas levadas na ilha. Por fim, o último fim de ano foi passado em família na Catalunha, onde tenho as minhas irmãs Isabel e Janaína, e, como não podia deixar de ser, foram mais uma vez as montanhas as eleitas para ver chegar o Ano Novo, numa casa 100% ecológica nos Pirenéus.

Este ano, para variar, pensámos dar o salto de 2024 para 2025 em ambiente serrano, precisamente “saltando” entre as serras do Soajo e da Peneda. E se bem o pensámos, melhor o fizemos. Apesar de a Paula estar a sair de umas sessões de fisioterapia para tratar uma rotura total de ligamentos num pé e eu pres-tes a “embarcar” numa cirurgia à coluna (os anti-inflamatórios fazem milagres!), decidimos fazer o último trilho de 2024 na zona da vila do Soajo e o primeiro trilho de 2025 na ponta mais a norte de Portugal, junto à aldeia de Castro Laboreiro.



Começámos a rota dos Caminhos do Pão e Caminhos da Fé a partir de uma casinha de granito bem acolhedora onde tínhamos pernoitado, perto da famosa eira comunitária, onde se erguem 24 espigueiros no Soajo. O trilho segue por calçadas milenares de grandes pedras, a requerer intervenção dos romanos em alguns pontos porque os portugueses não têm estado à altura de as manter. Do pão porque o caminho é ladeado por levadas e incontáveis ruínas de moinhos de água de onde saía a farinha dos cereais vindos dos espigueiros. Da fé porque por esse caminho também seguiam romeiros em peregrinação até ao Santuário de Nossa Senhora da Peneda. Pelo meio, cascatas no Rio Adrão, bosques de carvalhos (e, infelizmente, alguns eucaliptais), muros pintados de verde pelos musgos, vacas cachenas que espreitam em cada prado com os seus grandes cornos retorcidos e um nariz redondo e ternurento, e até uma parelha de simpáticos burros, olhos grandes e expressivos, que vieram até ao limite da cerca para receber as minhas festas. Ali perto, na Portela do Mezio, um lugar maravilhoso, onde em tempos cheguei a acampar sozinho, tinham “armado” uma “Floresta Encantada” e à noite acorriam milhares de visitantes. É claro que, depois da “floresta encantada” onde tínhamos estado durante o dia, nem sequer nos aproximamos da confusão no Mezio. Antes de nos recolhermos ao calor da nossa lareira fomos a um restaurante local onde comemos uma celestial vitela cachena assada no forno que deve ser a que os anjos servem no paraíso a quem se porta bem na passagem terrena.

Na estrada que vai do Soajo a Castro Laboreiro vamos passando por sucessivas brandas e inverneiras às quais as autoridades locais e nacionais não dão a merecida atenção. Não as candidatam aos PRR, não as declaram Monumento Nacional (que eu saiba), nem as propõem a Património da Humanidade. Mesmo entre nós, poucos sabem do que se trata. Por muito pobres que fossem as famílias do Soajo e da Peneda, tinham sempre duas casas: uma nas inverneiras onde, como o nome indica, passavam os invernos rigorosos, nos vales mais abrigados da neve, frio e vento que assolavam as terras altas da montanha; chegada a Primavera, quando as neves começavam a derreter, subiam com o gado para as casas das brandas onde o verde dos prados ia despontando, cumprindo assim a tradição milenar da transumância, e lá passavam todo o estio. Estas brandas, são um património verdadeiramente único, quase ficcional, como moradas de hobbits tornadas realidade. Uma ou outra casa, abrigo ou curral estão recuperados, mas não existe nenhum plano coordenado com vista a preservar estes lugares e deixá-las como legado às gerações futuras, para que saibam como viviam os nossos ancestrais. No caminho passámos ainda por várias antigas Casas Florestais em estado de abandono, algumas já sem telhado, mais um crime patrimonial também ele fruto da falta de visão de um Estado pobre de espírito. Os espanhóis têm a Transpirenaica, os franceses (italianos e suíços) têm o Tour du Mont Blanc, grandes percursos apoiados em cabanas e refúgios devidamente mantidos e geridos. Nós, por cá, também podíamos ter redes de percursos apoiados nestas Casas Florestais (abandonadas, mas de excelente construção) nos nossos parques mais icónicos, como a Peneda-Gerês e a Serra da Estrela. Não temos. Na Peneda-Gerês temos a GR50 – Grande Rota da Peneda-Gerês que segue por locais maravilhosos, mas passa “ao lado” das Serras Amarela e Gerês, privilegiando as

27



povoações locais (o que está bem), mas sem apoio de alojamento para além da oferta turística local, e com fraca divulgação a nível nacional e internacional. Podíamos ter a nossa “Trans Peneda-Gerês”, tirando partido deste património do Estado (e outro) existente. Na Estrela, os vários municípios e o próprio Parque nunca se conseguiram organizar para termos o nosso “Tour da Serra da Estrela”, com um enorme potencial, apoiado em casas e abrigos existentes, já estudado, planeado em detalhe e tantas vezes proposto pela Associação Cultural dos Amigos da Serra da Estrela (ASE).

A nossa segunda base foi em Castro Laboreiro onde uma subida até ao Castelo é um passeio incontornável que nos faz pensar como foi possível ali contruir um castelo, literalmente empoleirado num morro granítico, e o que sofreriam os sucessivos atacantes para conquistar esta posição aparentemente inexpugnável. Ocupado desde a pré-história, cruzamento de vias, pontes, povos e culturas, por lá passaram romanos, leoneses e muçulmanos, entre outros, mas foi o nosso D. Afonso Henriques que o conquistou em 1141 e, desde então, não mais deixou de ser Portugal. E este Portugal medieval e românico é verdadeiramente encantador.

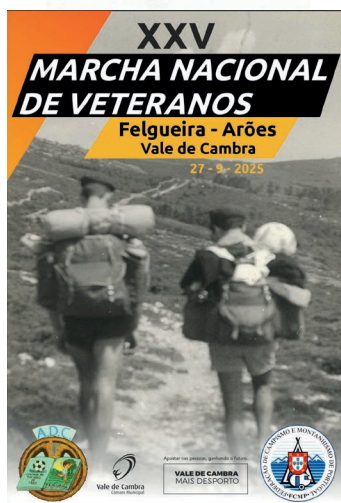
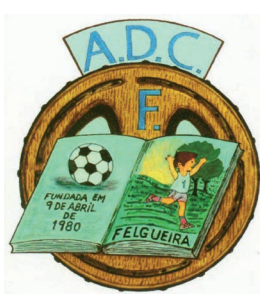
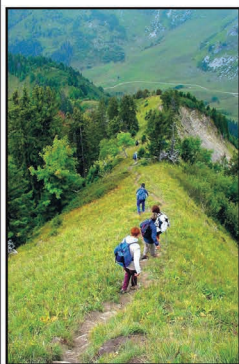
A raia está ali próxima, e foi na aldeia fronteiriça de Ameijoeira que iniciámos o percurso das “Inverneiras” no primeiro dia do ano. O trilho leva-nos através de fantásticos bosques de carvalhos onde os passos vão assentando ora sobre tapetes de folhas recortadas dos quercos que o Outono roubou às árvores, ora sobre musgos fofos que cobrem os troços encharcados por regueiros, ora sobre lajes de pedras ali colocadas por braço humano que nas zonas mais sombrias teimam em manter a geada que a noite fria e húmida nelas depositou. Acompanha-nos o Rio Laboreiro, umas vezes silencioso, desenhando piscinas serenas de água cristalina... e gélida, outras cantando ao som do granito salpicado pelo leite. Passamos pelas aldeias inverneiras, com mais ou menos sinais de vida, moinhos de água de onde outrora saía farinha do muito cereal que ali se cultivava, capelinhas fechadas aos visitantes e a meio do percurso passamos para a margem oposta do rio atravessando a Ponte da Cavada Velha, classificada como Monumento Nacional. Está ali desde o século I, no tempo em que Jesus Cristo andava pela Terra, e ao pisar as suas pedras imaginamos as gentes, os animais, as carroças e carruagens que ao longo dos séculos as pisaram também. Mais à frente, encontramos um invulgar aqueduto de construção rustica em granito, protegido por um cruzeiro, que no passado conduzia água para rega dos campos. Já próximo do fim, atravessamos a Aldeia de Pontes que encerra uma história com um final feliz. O êxodo rural deixou todo o casario ao completo abandono, mas alguém viu ali uma oportunidade para a fazer reviver num projecto de turismo rural e cultural delicioso, em plena harmonia com a natureza. As velhas casas, as ruínas, as ruas, as fontes foram meticulosamente reabilitadas, mantendo inalterado o exterior e dotando o interior com o conforto que hoje se exige numa actividade deste género e num local em que o clima é rigoroso. Até as vacas de raça cachena e os garranos (cavalos selvagens), voltaram a pastar nos prados adjacentes à aldeia, como sempre ao longo dos séculos. Um pouco a montante do rio Laboreiro, mas já fora deste trilho, mais uma ponte medieval e um projecto idêntico para outra aldeia inverneira em estado de quase abandono: a Varziela. Espero que vingue. Percorrer este vale é como entrar no presépio que herdei do meu avô e que hoje montamos com o nosso neto, andar entre as suas figurinhas, entrar nas casinhas e currais, pisar os pedaços de musgo que apanhamos no campo, atravessar as pequenas pontes de madeira sobre rios feitos de papel-prata, viver um sonho de criança.

Na noite anterior, as uvas-passas estiveram presentes nas doze “badaladas”, com os desejos repartidos pela saúde para a família, como sempre, mas este ano com alguns bagos dedicados à paz no mundo, onde nos últimos anos a guerra tem vindo a recrudescer e cujas principais vítimas são crianças, como os meus netos. Quanto ao resto, a fórmula para o “réveillon” foi simples: substituir o espumante por um bom alvarinho da região, o fogo de artifício pelo crepitar da lareira, o som dos grandes concertos pelo silêncio do recato caseiro, a poluição das urbes pelo ar puro e rural... onde não falta o cheiro a lenha queimada que sai das chaminés, e o leve odor a bosta de vaca cachena. Em suma, umas boas-vindas ao Ano Novo para mais tarde recordar. E mais umas “entradas” que, sem nada de especial, tiveram tudo de especial.

Carlos Martins



Actividades de Montanha



XXV MARCHA NACIONAL DE VETERANOS

É com prazer que elaboro esta nota sobre a XXV Marcha Nacional de Veteranos, realizada no dia 27 /09/ 2025, na Serra da Freita, sob a organização da Associação Desportiva e Cultural da Felgueira.

Esta Associação é filiada na nossa Federação e, merecia ter tido alguma ajuda e empenho. Todavia, só parece ter recebido entraves já que se candidatou a este evento em Fevereiro de 2025 e o mesmo foi confirmado em finais do mês de Julho p.p. logo, impediu que obtivéssemos alguns apoios e eventuais patrocínios.

Como nem tudo é mau - nem se agarra à Federação - trabalhamos sozinhos. Tivemos na marcha 45 participantes e 10 elementos na sua organização. A partida fez-se às 9 h - num percurso circular e, numa extensão de 9 kms, foi realizado das 9h às 13h. Por entre um tempo frio e no horizonte a perspectiva de um temporal que se nos apresentou à hora do almoço, o grupo trocou memórias, relembrou veteranos ausentes e recebeu cumprimentos da vice-presidente da federação, Dra Elisa Pestana.

O encerramento foi dado pelo Presidente da Associação, Eng. José Ferreira numa saudação a todos os montanheiros presentes.

Manuel Correia

(fotos de Moreira Azevedo)



A ADCF – Associação Desportiva e Cultural da Felgueira é uma Organização Não Governamental com mais de 40 anos de trabalho na aldeia da Felgueira, freguesia de Arões, município de Vale de Cambra. Foi oficialmente criada a 9 de abril de 1980 e surge da necessidade de existir uma entidade coletiva que pudesse receber os subsídios necessários para a construção de um campo de futebol, sendo a prática organizada deste desporto o principal motivo para a criação da associação, atualmente com uma atividade muito mais ampla.



30 O Baú do Avô



Galeria dos Presidentes

(Os Presidentes do CCP, até 1984)





Órgãos Sociais do CCP entre 1975 e 1982



31



O Museu do nosso Clube, funcionou durante muitos anos na antiga Sede, na R. D. Manuel II. Visitado por muitos associados, era motivo de orgulho, quando lá eram recebidos convidados em visita à Sede.

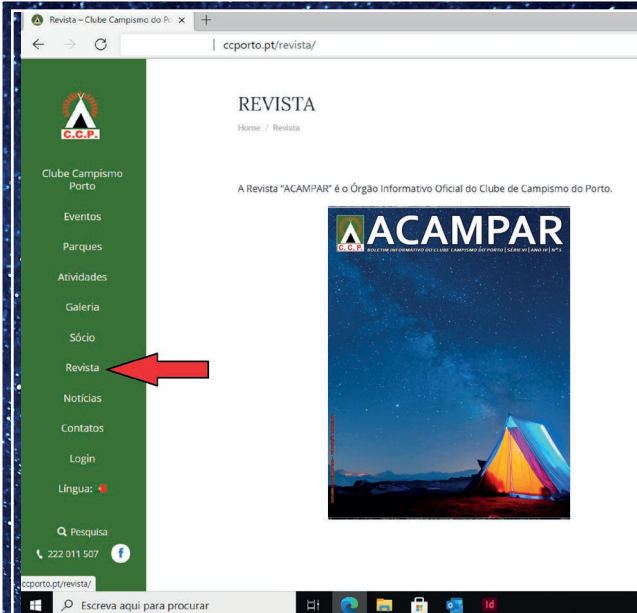
Foi fruto de um exaustivo trabalho de recolha, estudo, classificação e posterior exposição e manutenção. Seus principais impulsionadores, dois Companheiros que já nos deixaram.

O José Fernando Silva Pereira (*saudoso Zéquita*) e o José Luis Moraes Reis (*Zé Bolinhas*).

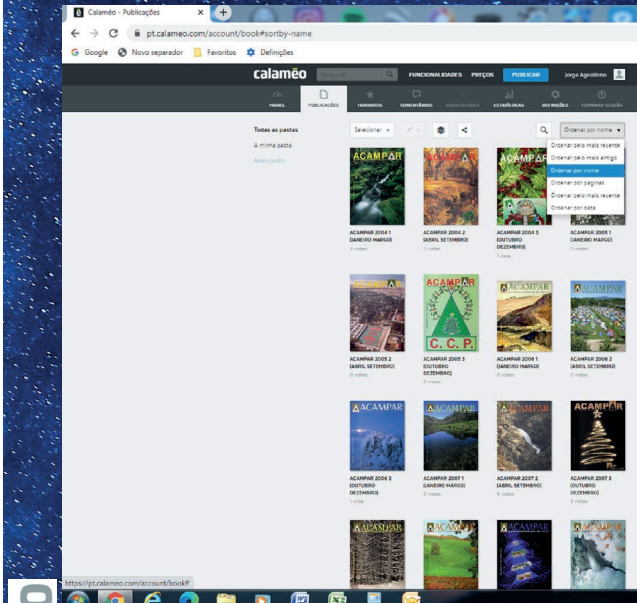
Muitas horas, meses, anos de empenhamento desinteressado. Foram Grandes!

Obrigado, pela vossa dedicação.

Alternativas para a leitura do ACAMPAR (as edições que não sejam impressas e enviadas por correio, podem ser lidas de outras formas)



Na página do CCP, abre o separador **REVISTA**, escolhe o exemplar que quer ler. Ao clicar será aberto um novo separador com o PDF respectivo. Pode lê-lo online, ou se pretender, descarregar-o e guarda-o para ler quando quiser.

No site Calaméo, <https://pt.calameo.com> se não tiver o link directo, procura na lupa por: ACAMPAR. Aparecerão as revistas publicadas desde janeiro de 2004. Escolhe a que quer ler, e num novo separador, pode ler, desfolhando, o seu ACAMPAR.